

UM DIA NA VIDA DE CRIANÇAS COM MENOS DE 3 ANOS: os meios digitais no quotidiano das famílias

A DAY IN THE LIFE OF CHILDREN UNDER 3: digital media in the everyday life of families

Ana Jorge¹

Vítor Tomé²

Raquel Pacheco³

***Resumo:** O projeto europeu “Um dia na vida” debruça-se sobre uso de meios digitais por crianças com menos de três anos de idade, enquadrado por um interesse pelo consumo de media (digitais) por crianças e jovens, no seio da casa e da família (LIVINGSTONE, 2009), pela literacia digital (MARSH, 2005); e pelo desenvolvimento e aprendizagem na primeira infância (GILLEN et al., 2007). Nesta comunicação, focamos a metodologia e resultados preliminares do projeto em Portugal, que apontam para a diversidade de mediações dos pais e perceções sobre a utilização das tecnologias digitais por crianças muito novas.*

***Palavras-Chave:** crianças; lares; meios digitais.*

1. Introdução

Portugal conheceu na última década um desenvolvimento assinalável em termos de acesso à internet de banda larga, bem como da posse de dispositivos informáticos de acesso à internet – em parte devido ao programa governamental de aposta no desenvolvimento da infra-estrutura

¹ Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa / Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Professora Auxiliar Convidada, Doutora, anajorge@fch.lisboa.ucp.pt.

² Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC-UAIG), Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT/FSE), Investigador pós-doutoramento, Doutor, vitor@rvj.pt.

³ Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC-UAIG), Investigadora de Pós-Doutoramento (FCT-FSE), Universidade Autónoma de Lisboa (DCC-UAL), Professora Auxiliar, Doutora, raquel.pacheco@gmail.com.

tecnológica Plano Tecnológico, em diversas áreas sociais, incluindo na educação, com o programa Magalhães e e-Escolas (de um Computador por Criança) (PEREIRA, 2013). Com a expansão do mercado das tecnologias dos media, e sua apropriação por organizações e empresas bem como por famílias, é notório não só que os usos são mais frequentes e ubíquos, como também que as crianças começam cada vez mais cedo a apropriar-se dos ecrãs, desde o aparelho de televisão da família, ou do seu quarto, ao computador ou telemóvel do pai ou da mãe; os tábletes difundiram-se pelos lares, muitas vezes associados precisamente aos mais novos, por oferecerem um uso aparentemente intuitivo.

Se o conhecimento sobre usos dos media digitais por crianças e jovens foi sendo alcançado nesse período (LIVINGSTONE *et al.*, 2014; MASCHERONI e OLAFSSON, 2014), o ambiente do lar e particularmente o grupo de crianças mais novas está ainda por estudar na sua complexidade (HOLLOWAY *et al.*, 2013). Este trabalho oferece uma leitura sobre recepção e consumo dos meios de comunicação nos lares de crianças com menos de três anos de idade, focando metodologias e resultados preliminares da implementação do projeto “Um dia na vida de crianças com menos de 3 anos” em Portugal, um projeto comparativo realizado sob a égide da acção COST DigiLitEY. Neste *paper*, começaremos por enquadrar a temática do uso de media digitais por famílias e crianças pequenas, apresentando em seguida a metodologia seguida e os resultados principais numa primeira fase de análise do referido projeto, que apontam para a diversidade de mediações dos pais e perceções sobre a utilização das tecnologias digitais por crianças muito novas.

2. Crianças, famílias e media digitais

Esta proposta baseia-se no campo teórico do consumo de media (digitais) por crianças e jovens, no seio da casa e da família (Livingstone, 2009), e da literacia digital (Marsh, 2005); e do desenvolvimento e aprendizagem na primeira infância (Gillen *et al.*, 2007).

O desenvolvimento exponencial dos dispositivos móveis com acesso à Internet e da tecnologia *touchscreen*, sobretudo em tábletes e *smartphones*, revolucionou o uso e sobretudo o uso autónomo de meios de comunicação por parte de crianças cada vez mais novas, mesmo quando ainda estão ao colo dos pais, que encaram frequentemente estas tecnologias como se fossem brinquedos (KOTILAINEN e SUONINEN, 2013). Através do simples toque ou do arrastar de

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

um dedo no ecrã, crianças muito pequenas conseguem aceder a conteúdos de informação ou entretenimento, replicando práticas de adultos, muitas vezes sem necessitarem do apoio prévio destes, pois as aplicações disponíveis nos equipamentos disponibilizam vídeo e áudio para explicarem ao utilizador como podem ser usadas (EDWARDS *et al.*, 2016).

Apesar do uso crescente e precoce, as práticas *online* das crianças, sobretudo das que ainda não são escolarizadas ou que estão nos primeiros anos de escolaridade, foram praticamente ignoradas pelas políticas da maioria dos países (HOLLOWAY, GREEN e LIVINGSTONE, 2013). Mas o uso, associado a um grau de autonomia crescente, despertou o interesse da comunidade em geral e da científica em particular, pelas crianças com idades até oito anos e suas práticas de consumo de media (SEFTON-GREEN *et al.*, 2016). A investigação europeia tem mostrado que a televisão (que está hoje nos ecrãs dos diferentes equipamentos existentes) é o meio mais usado, sendo o *táblete* o equipamento mais popular, presente na larga maioria dos lares, à semelhança do que sucede com os *smartphones*, ou seja, as crianças vivem em ambientes digitais ricos, mesmo quando integram famílias economicamente desfavorecidas (DIAS e BRITO, 2016; CHAUDRON, 2015, 2016).

No Reino Unido, a maioria das crianças com dois anos tem acesso regular a um *tablete* ou a um computador portátil (SEFTON-GREEN *et al.*, 2016). Quase metade das crianças britânicas com 3-4 anos usa *tábletes* e um terço das crianças com idades até cinco anos também (MARSH, 2014). Outro estudo realizado em quatro países europeus revelou que 60% das crianças com cinco ou menos anos usam equipamentos digitais, sendo que 23% usam simultaneamente televisão, computadores e têm acesso à Internet (PALAIOLOGOU, 2016). Em Portugal, num estudo com crianças com idades entre os três e os oito anos de idade, encontrou-se que a televisão tem uma presença universal, enquanto meio, embora os tipos de conteúdos com que as crianças contactam variem consoante o nível educacional dos pais; e que os dispositivos digitais são usados por 38% das crianças, crescendo o acesso com a idade. Os dispositivos utilizados para aceder à internet são sobretudo os *móveis* (*táblete*, computador portátil e *smartphone*) e as utilizações são sobretudo lúdicas: ver desenhos animados, vídeos e filmes, jogar jogos e ouvir músicas (PONTE *et al.*, 2017).

As crianças preferem ferramentas e aplicações que dependam menos do texto e mais da imagem, estática ou não, e gostam de interagir com os equipamentos e através deles, pelo que a

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

natureza das suas atividades é mais social do que nunca (MARSH, 2014). As experiências precoces de literacia vividas pelas crianças, através de equipamentos digitais, estão a reconfigurar a forma como produzem sentido e as suas práticas, que são hoje multimodais: as crianças lidam com palavras, imagens e sons, quer em plataformas tradicionais, quer digitais. É, por isso, importante, compreender como é que produzem sentido a partir dos textos multimodais e como é que organizam a informação, tendo em conta os diferentes modos que se justapõem. O conhecimento destas práticas de experiência contextualizada é decisiva para podermos compreender, depois, como é que se refletem ao nível da aprendizagem, das literacias, da mundialização e das implicações que o uso de media digitais tem na educação global das crianças (SEFTON-GREEN *et al.*, 2016).

O conhecimento das práticas de consumo de media digitais é ainda importante, pelo menos a três níveis:

- a) Existe hoje uma indústria que tira partido das tecnologias móveis emergentes, recolhendo dados pessoais mas também de preferência de conteúdos e de perfis de uso, e que tem como alvo crianças até cinco anos, de que são exemplo muitas aplicações de empresas de entretenimento e também, por exemplo, a aplicação YouTube Kids, os quais faturam centenas de milhões de dólares em publicidade, pois conseguem direcionar a publicidade em função do perfil da criança (BURROUGHS, 2017). Esta dimensão de economia política da internet e dos media sociais é um quadro importante para perceber a oferta mediática e também o lugar construído - ainda que não determinado - para os utilizadores mais novos.
- b) Há uma intersecção crescente entre tecnologia e objetos lúdicos: se os brinquedos eletrónicos já estavam disseminados no mercado, começam a surgir cada vez mais brinquedos e aplicações com tecnologia inteligente (quer ligadas a plataformas online através de Wifi ou Bluetooth, quer equipadas com sensores, quer colocando vários brinquedos em contacto, ou interagindo diretamente com as crianças - MASCHERONI e HOLLOWAY, 2017). Estes brinquedos inteligentes e conectados apresentam possibilidades para desenvolvimento e aprendizagem, com a tecnologia a tornar-se invisível para a criança, sob a aparência de objeto físico, mas os riscos em termos de privacidade têm motivado pressão para maior regulação.
- c) As crianças muito pequenas usam a Internet mas, aos quatro anos, apenas 40% têm uma noção do que é a Internet, pelo que é preciso necessário interagir com elas, em práticas

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

contextualizadas, para que apreendam, o mais cedo possível, um conceito maduro do que é a Internet, como funciona e para que serve. Tal será a plataforma base de uma educação para a segurança *online* (EDWARDS *et al.*, 2016). Para agir deste modo no início da escolarização, é necessário conhecer as práticas prévias da criança.

Importa perceber como é que as crianças muito pequenas estão expostas a aplicações, a brinquedos conectados à internet e a que sítios da Internet. A questão é premente, tendo em conta que o novo Regulamento Europeu de Proteção de Dados - RGPD (UNIÃO EUROPEIA, 2017), que entra em vigor a 25 de maio de 2018, obriga a que a utilização de serviços da Internet que impliquem a partilha de dados pessoais só pode ser feita por menores de 16 anos, quando autorizados pelos pais ou outros responsáveis parentais. O RGPD implica explicitamente uma mediação parental no que se refere à Internet, mediação que tem sido muito estudada, tendo o foco estado nas crianças a partir dos nove anos em diante e nem sempre envolvendo o ponto de vista dos pais ou outros cuidadores (O'NEILL e STAKSRUD, 2014). Mas com a passagem do limitado acesso das crianças à Internet, via computador, a um acesso via uma panóplia de dispositivos (*e.g.*: *táblete*, consolas de jogos, *smartphones*, *smartTV*, *e-readers*), com muito mais crianças a aceder e de forma mais independente, o interesse pela mediação parental com crianças até aos nove anos cresceu, pois estas crianças passaram a entrar na equação das práticas co-construídas entre gerações (MARSH, 2014).

A mediação parental, assim como representações sociais associadas a crianças e Internet, modelam as perceções de pais e cuidadores acerca de riscos e oportunidades online e, portanto, têm influência nas práticas de crianças com os media (MASCHERONI e ÓLAFSSON, 2014; MASCHERONI *et al.*, 2014). Os pais, influenciados pelos media e pelos poderes públicos, colocam a tónica no carácter perigoso e incontrolável dos media sociais, incitam os pais a vigiar os filhos, a desencorajar ou proibir o uso (ENDRIZZI, 2012), pelo que crianças e jovens dissimulam as suas práticas e mentem (BOYD, 2008), o que impede os adultos de conhecerem as práticas que eles desenvolvem online. A “chave para a compreensão” dessa realidade reside em “afastarmo-nos das manchetes – tanto boas como más – e mergulharmos nas realidades mais matizadas dos jovens” (BOYD, 2015, p. 41).

Numa análise de práticas de mediação parental, realizada na sequência de uma revisão de literatura a que se seguiu a observação de 24 famílias com pelo menos uma criança entre três e nove anos, ZAMAN, NOUWEN, VANATTENHOVEN, DE FERRERRE & VAN LOOY

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

(2016) identificaram cinco tipos:

- a) Mediação restritiva: o acesso das crianças aos media é limitado através de cinco tipos de restrições, como o tempo de uso (*e.g.*, só usa após as tarefas da escola), os equipamentos usados (*e.g.*, evitar danificação dos equipamentos, ou como punição), os conteúdos acessíveis (*e.g.*, evitar tecnicamente o acesso inadvertido a conteúdos), os locais de uso (*e.g.*, impedir o uso do *táblete* no sofá) e a aquisição de hardware ou software (*e.g.*, as crianças só podem baixar aplicações gratuitas);
- b) Mediação de uso conjunto: os pais podem assumir o papel de ajudantes (*e.g.*, auxiliando no uso do dispositivo em si, ou fechando uma janela *pop-up*) ou de companheiros (*e.g.*, partilham atividades nos media com fins recreativos), sendo esta mais comum em pais com apenas um filho, ou em pais que interagem com os seus filhos nos media sociais, seja de forma mais ou menos frequente;
- c) Mediação ativa: os pais debatem com os filhos e negociam aspetos relacionados com o tempo de uso (*e.g.*, definem regras em conjunto), equipamentos usados (*e.g.*, cuidados a ter com eles), os conteúdos acessíveis (*e.g.*, como evitar o acesso a conteúdos nocivos) e a aquisição de *hardware* ou *software* (*e.g.*, explicam às crianças o que é possível comprar em função da disponibilidade financeira da família);
- d) Mediação por aprendizagem participativa: envolve características das mediações de co-uso e mediação ativa e ocorre quando os pais querem investir quer nos seus próprios conhecimentos e capacidades, quer nos dos seus filhos, no que diz respeito ao uso de media e tecnologias;
- e) Mediação distanciada: quando os pais optam por ficar à distância, seja por deferência (*e.g.*, dão liberdade de uso esperando comportamento responsável da criança em troca) ou por preferirem uma forma particular de supervisão (*e.g.*, deixam a criança usar e vão fazer outras atividades, voltando de vez em quando para supervisionar, o que está muito associado ao uso de media enquanto *baby-sitter*).

Os autores concluem que a mediação parental assume uma natureza dinâmica e muitas vezes paradoxal, dependendo muito do contexto. Mas, no que diz respeito a crianças mais pequenas, aquelas em que nos focamos neste estudo, foram surpreendidos, ao constatarem que os pais acreditam que as crianças são inocentes, que não têm má intenção e, portanto, estão menos

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

expostas ao risco de encontrarem conteúdos nocivos, pelo que consideram que a mediação parental que fazem, independentemente do tipo em que se enquadra, é suficiente e que só terá de ser uma preocupação à medida que as crianças crescerem. Também um estudo britânico, que consistiu em entrevistas de foco com 56 pais de crianças com idades até cinco anos, chegou a resultados idênticos. Os pais admitem que, potencialmente, as crianças estão expostas a conteúdos nocivos, mas ainda não nestas idades. Preocupam-se porém com questões de saúde (*e.g.*, problemas derivados do uso de dispositivos tecnológicos), de desenvolvimento da linguagem, da socialização, do uso excessivo, da exposição a publicidade e até da exploração das imagens dos seus filhos que publicam nos media sociais (PALAIOLOGOU, 2017).

Também em Portugal (PONTE *et al.*, 2017) se encontrou um retrato semelhante, com muitos pais a adiarem uma mediação mais interventiva por ‘ainda não’ se justificar. 90% dos pais de crianças entre os três e os oito anos revelaram sentar-se ao lado da criança quando esta está na internet, e falar com ela sobre o que faz na internet; mas menos foram os que referiram

*mediações mais intensas, envolvendo co-uso e intervenção: fazer atividades com a criança na internet (82%), ajudar quando a criança tem alguma dificuldade em fazer algo ou encontrar alguma coisa na internet (79%). Dar sugestões relativas a segurança, explicar a adequação ou não dos sites, falar com a criança sobre o que fazer em situação de incómodo ou incentivar a explorar e a aprender coisas novas apresentam valores semelhantes, na casa dos 76%-72%. Mais baixa é a percentagem dos que reportam que ajudam a criança a lidar com uma situação concreta que a incomodou: esta intervenção que implica um agir num dado ‘momento de crise’ é referida por 64% (PONTE *et al.*, 2017, p. 70).*

3. Pesquisa e métodos: “Um dia na vida de crianças com menos de 3 anos”

Há, como referimos, uma escassez de pesquisa sobre - e com - crianças muito novas na relação com meios de comunicação (SEFTON-GREEN *et al.*, 2016). Como vimos na secção anterior, vários estudos extensivos, quer a nível nacional quer internacional, retrataram a utilização dos meios digitais entre populações com mais de nove anos (LIVINGSTONE *et al.*, 2014; MAS-CHERONI *et al.*, 2014); e alguns estudos, qualitativos bem como quantitativos, têm tentado retratar população com menos de oito anos de idade (Ofcom, em Inglaterra; Mediawijzer.net, nos Países Baixos; CHAUDRON, 2015 e DIAS e BRITO, 2016; PONTE *et al.*, 2017).

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Poucos estudos consideram esta faixa etária, mas há evidências crescentes de que as crianças estão incorporadas em um ambiente digital desde o nascimento (GILLEN e CAMERON, 2017). “Um dia na vida de crianças com menos de 3 anos” é o primeiro estudo comparativo com crianças com menos de três anos de idade, realizado no âmbito da ação COST IS1410 DigiLitEY - Digital Literacy and Multimodal Practices of Young Children - e envolvendo quatro países europeus, entre 2016 e 2018: além de Portugal, Reino Unido, Finlândia e Suécia.

Dada a falta de referências metodológicas para analisar as práticas do grupo 0-3, inspirámo-nos no modelo desenvolvido por SEFTON-GREEN, MARSH, ERSTAD e FLEWITT (2016) para analisar as práticas de literacia digital de crianças até oito anos, estando porém cientes que este estudo exploratório não tem como objetivo as práticas de literacia digital das crianças, mas sim as práticas de uso de media. O modelo considera que as práticas devem ser analisadas tendo em conta três contextos diferentes, partindo do mais restrito ao mais geral: o micro (a própria criança), o meso (contextos formal e informal de aprendizagem, família, amigos e comunidade local) e o macro (a sociedade como um todo, o Estado-nação). No nosso estudo exploratório procuramos fazer uma análise que tenha em conta a permeabilidade dos três contextos, colocando porém o foco no contexto da família, o meso. Procuramos ainda, a partir da observação realizada e das perceções recolhidas junto dos pais, identificar pistas que ajudem a compreender se, e de que forma(s), a criança indicia ter um papel ativo em termos de receção e da produção de mensagens mediáticas.

A abordagem metodológica de “Um Dia na Vida” (“A Day in the Life”) responde a esse intuito de dar a ver a intersecção dos três contextos, identificando as formas como as tecnologias digitais permeiam a vida quotidiana de crianças muito novas. Essa metodologia assenta na observação durante um dia (um período mínimo de seis horas) na vida de um indivíduo, com recurso a filmagem de vídeo. No caso concreto, o acompanhamento de um dia na vida de uma criança com menos de três anos permite não só o acesso ao lar e à vida quotidiana, como compreensão das práticas contextualizadas, *in situ*, do uso dos meios por sujeitos cuja capacidade de linguagem não está ainda desenvolvido. Além disso, o conceito de “um dia” dessa metodologia procura acompanhar a mudança de desenvolvimento ao longo do tempo e procura considerar as múltiplas vozes, de todos os participantes, incluindo os investigadores. Assim, de forma concreta, a recolha de dados passa pelo seguinte protocolo:

1. Visita preliminar, com filmagem experimental: o investigador encontra a família para

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

discutir os objetivos do estudo, explica o projeto e a sua metodologia, informando que envolverá a filmagem das atividades da criança durante um dia inteiro. A família também é informada que o investigador não vai filmar a criança enquanto ela usa a casa de banho, ou mudar de fralda, trocar de roupa etc., ou em qualquer momento em que os pais/cuidadores peçam para que se pare de filmar, assim como o investigador também deve parar de filmar caso perceba que a criança pareça incomodada de alguma forma. São respondidas eventuais dúvidas e é assinado o consentimento informado. Depois, é realizada uma filmagem experimental de 30 minutos da criança no lar;

2. Visita "Um dia na Vida": o investigador coleta, pelo menos, seis horas de imagem do dia da criança, no seu ambiente familiar. Esta visita envolve a filmagem das atividades das crianças desde o início do dia até quando elas vão para a cama, ou quaisquer parâmetros que a família ache aceitáveis desde que o "dia" tenha pelo menos seis horas de duração. Este dia é baseado num estudo etnográfico tradicional, ou seja, o investigador deve observar e abster-se de participar nas atividades, mantendo-se o mais distante possível, embora, é claro, de maneira ética - por exemplo, se a criança se aproximar do investigador, este deve responder gentilmente, mas não tentar prolongar a interação. Além da filmagem com a câmara também pode-se tomar notas de campo e incluir intervalos necessários (GILLEN & CAMERON, 2017).

2.1. Após a filmagem, o pesquisador cria um vídeo de compilação de meia hora de cliques que retrate o dia, particularmente onde a criança esteja em alguma relação com os media. Por exemplo, ela pode estar usando algo, ou presentes e interessados quando alguém está fazendo alguma coisa, ou um clipe pode ser de interesse apenas porque a criança está ignorando ou rejeitando alguma oportunidade. O processo de edição do vídeo consiste em assistir as imagens completas, escolher aquelas que mais se adequam a realidade presenciada pelo investigador possibilitando a construção de um material de mais ou menos 30 minutos que será visionado e discutido, durante a terceira e última visita (estágio iterativo) em conjunto com os pais.

3. Terceira visita/ "estágio iterativo": o investigador retorna à família para uma terceira visita e assiste à compilação do vídeo com a família, enquanto lança perguntas de uma entrevista semi-estruturada em torno de atividades, interesses e competências da criança com os diferentes tipos de tecnologias e a relação dos pais e de outras famílias com a

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

criança e as tecnologias, assim como suas percepções e valores. A duração total da dinâmica estima-se em 90 minutos e essa dinâmica também deve ser filmada e transcrita.

Deste modo, há um esforço para a representação de múltiplas perspectivas através do seguinte cenário:

- utilizar a tecnologia do vídeo, que é passível de análises decorrentes de vários pontos de interrogação, apesar de implicar muitas limitações, como, por exemplo, a presença potencialmente invasiva da câmara de vídeo;
- examinar os dados centrais fornecidos no “dia” em relação às outras fontes, incluindo entrevistas parentais, etc., aumentando o potencial de uma compreensão mais profunda dos dados;
- combinar os diferentes pontos de vista: disciplinar, nacional, profissional e mesmo pessoal dos investigadores de diferentes modos, possibilitando a criação de divergentes perspectivas, interpretações ou abordagens dos dados;
- acesso ao *feedback* dos pais sobre a escolha das imagens para o vídeo de compilação provocando reflexões retrospectivas sobre as crianças envolvidas e sobre os diferentes modos de criação (GILLEN & CAMERON, 2010).

O procedimento de coleta de dados começa durante o período de recrutamento das famílias, quando o investigador está à procura da criança de 0-3 anos que irá participar do estudo. Esta foi a parte da investigação em que os três investigadores enfrentaram maiores dificuldades, já que algumas famílias demonstravam inicialmente interesse, mas desistiam quando o investigador apresentava a metodologia. Concretamente, o uso do vídeo e a necessidade de coletar, pelo menos, seis horas de imagem da criança, durante um dia inteiro, fez com que muitas famílias não se dispusessem a participar.

O recrutamento foi feito pelos investigadores através de contactos pessoais, incluindo com recurso ao Facebook, e por bola de neve, e para conveniência limitado à zona da Grande Lisboa. Das três famílias que se disponibilizaram a participar da investigação, uma era amiga da investigadora e as outras duas eram amigos de amigos. A recolha de dados dos três casos teve início em fevereiro de 2017 e terminou em setembro do mesmo ano. Cada família foi acompanhada por um investigador, nas datas convenientes a cada família. Na primeira visita foi, além de feita uma filmagem experimental, apresentado o acordo de consentimento e negociadas as condições de anonimato. Por essa razão, os nomes das famílias e dos participantes foram substituídos por nomes fictícios.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Em Portugal, participaram três famílias⁴:

- família Oliveira: pela mãe (40) e dois filhos rapazes (**34 meses** e 8 anos); a criança em estudo é o Vicente. A mãe, professora do ensino básico, tem um filho mais velho do primeiro casamento e o segundo filho (criança do estudo), de uma outra relação, estando atualmente separada desse companheiro.
- família Silva, composta pela mãe (40), pai (39) e dois filhos, um rapaz (**32 meses**) e uma rapariga (5); a criança em estudo é o Matias. A mãe é natural do Brasil e o pai, da Suécia; ambos os filhos nasceram em Portugal. Todos os membros da família falam português, sueco e inglês;
- família Costa, composta pela mãe (38), pai (41) e três filhos, dois rapazes (**26 meses** e 8 anos) e uma rapariga (14); a criança em estudo é o Tomás. A mãe teve um primeiro casamento, de que resultou a filha mais velha, sendo os dois rapazes do atual casamento. A mãe é psicóloga e o pai trabalha como consultor de informática numa empresa multinacional.

Assim, a amostra é composta de três crianças do género masculino, por coincidência e casualidade das dificuldades no recrutamento de participantes.

4. Resultados

Nos três estudos de caso foram utilizados os lares como ambiente principal, e o local que mais aparece nos vídeos compilados é a sala de estar, por ser o local que as três crianças mais estiveram ao longo do dia, depois aparecem as cozinhas, seguido dos quartos e corredores. O vídeo da família Costa é o único que foge a esta situação, já que o investigador saiu do ambiente do lar e acompanhou, filmando, a família até um restaurante na hora do almoço e mais tarde a um

⁴ As idades mencionadas são referentes à data da última visita: família Oliveira, 31/03/2017; família Silva, 11/07/2017; família Costa, 18/09/2017.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

café. Estas diferenças podem ter que ver com a data em que decorreu o “dia”, conforme meteorologia mais ou menos favorável a saídas.

Os lares das três famílias apresentaram diferenças, desde logo, em termos de ambientes e parques de media de que dispõem em casa e com que as pequenas crianças contactam. A família Oliveira possui apenas um aparelho de televisão – um dispositivo convencional, instalado na sala de estar. O fato de a mãe ser de uma geração em que os aparelhos de televisão se tornaram populares no país a fez pensar de maneira diferente sobre uma televisão no quarto para os seus filhos: enquanto ela e a irmã tiveram televisão no quarto, ela diz que não quer uma televisão no quarto dos meninos, e também não tem uma na cozinha. Nesta família existe um tábete que é compartilhado pelos dois irmãos. O Vicente não pode utilizar o *smartphone* da mãe porque um anterior aparelho da mãe foi perdido pelo irmão mais velho quando estavam num centro comercial. O computador portátil também está na sala mas é utilizado apenas pela mãe para o trabalho de preparar aulas, Portanto o Vicente não tem contacto com esse dispositivo.

O fator económico é uma determinante na família Oliveira, onde os meninos são filhos de dois pais diferentes e a mãe é solteira. Os meninos têm que compartilhar o quarto para que o terceiro quarto possa ser alugado para ajudar com as contas, por exemplo. O irmão de Vicente passa semanas alternadas em casa do pai e da mãe, pelo que o menino está apenas com a mãe durante metade do tempo. Por isso, são dificuldades de tempo e de dinheiro que se colocam sobre a mãe, e que afetam a forma como vê o uso das tecnologias pelas crianças. De resto, uma mediação de co-uso teve pouca expressão ao longo do “dia”, visto que a mãe brincou um pouco com o Vicente mas tinha várias tarefas a tratar na casa e, quando a criança estava a manejar o tábete, acabava por a deixar mais sozinha a usar, num uso da tecnologia digital que é também como *baby-sitter*.

No que respeita a dispositivos tecnológicos, a família Silva possui um aparelho de televisão (*smartTV*), um iPad e um portátil e dois iPhones (um do pai e outro da mãe). Entre estes dispositivos, o único a que as crianças tem acesso é a televisão, que só pode ser ligada pela irmã mais velha, com autorização da mãe. O iPad nunca é usado porque foi comprado para uso da primeira filha, principalmente para assistir filmes; mas como houve um dia em que a menina utilizou o dispositivo, assistindo ao YouTube, durante 10 horas seguidas, os pais repensaram o uso deste aparelho pelas crianças; após este episódio o aparelho foi guardado e nunca mais voltou a ser utilizado pelas crianças. Assim, o Matias nunca teve acesso ao iPad. Já o computador portátil é para uso profissional – e exclusivo – da mãe.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Pela casa em que habitam (vivenda de dois andares) e pelas viagens que fazem aos seus países de origem, percebe-se que a família Silva tem um rendimento acima da média. A sua perspetiva sobre a posse de equipamentos tecnológicos é, assim, sobretudo marcada pelo capital cultural elevado, que privilegia formas menos mediadas e vistas como mais positivas para o desenvolvimento das crianças. As crianças passaram a maior parte do “dia” a brincar na sala, com diferentes atividades: *puzzles*, livros, brincadeiras, enquanto a mãe trabalhava no portátil, na mesa da sala. As crianças interagem com a mãe no seu posto de trabalho, mas não para pedir para usarem o computador.

Já a família Costa tem televisão na sala e uma televisão no quarto das crianças. Os pais compraram um tábete para uso exclusivo das crianças, a fim de manter o iPad dos pais em segurança (as crianças já haviam partido um tábete e um iPhone antes). Os pais têm ainda *smartphone*, que as crianças por vezes usam.

Nenhuma das crianças possui *smartphone* próprio, mas a única que não utiliza o dos pais é o Vicente, da família Oliveira. Das crianças observadas, nenhuma utiliza consolas de jogos e os computadores portáteis são usados pelos adultos para trabalho e não estão acessíveis às crianças.

Como se tinha encontrado no estudo nacional para crianças entre os três e oito anos (PONTE *et al.*, 2017), a televisão é a tecnologia mais utilizada pelas crianças do estudo. As três famílias contratam serviços de televisão e internet (NOS, MEO e Vodafone). As crianças da família Oliveira e Costa assistem preferencialmente ao Canal Panda, enquanto a da família Silva assiste, preferencialmente, ao Disney Junior, nenhuma das três crianças liga a televisão autonomamente. A única criança do estudo que possui televisão no quarto é a da família Costa, e os três rapazes do estudo vêem televisão na sala.

Na família Costa, a televisão da sala fica sempre ligada quando os membros da família estão em casa, as crianças também possuem televisão no seu quarto, mas elas nunca assistem televisão lá. A mãe, muitas vezes, pede que os filhos veja um filme ou outros programas na televisão no quarto, mas eles parecem preferir ver na sala.

O tábete existe em todas as famílias, e é utilizado, na maior parte do tempo, para exibir filmes e desenhos, nunca para jogar, e está operacional e acessível às crianças com menos de três anos nas famílias Costa e Oliveira, e não na família Silva.

A esse apetrechamento mediático dos lares somam-se ainda as mediações dos pais, resultando em diferentes usos dos media por parte das crianças mais pequenas.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

O Vicente gosta de assistir aos mesmos desenhos animados e os mesmos episódios repetidas vezes na televisão da sala. Ele não pode ligar a televisão ou escolher o programa, por isso tem que pedir ao irmão ou à mãe. Quando eles fazem isso, ele toca no ecrã da televisão onde está a imagem do programa, como se o ecrã da televisão fosse tátil. O pequeno só usa o táblete para assistir o YouTube, onde navega por sugestão, assistindo aos mesmos desenhos animados que também conhece da televisão, sobretudo a *Patrulha Pata*. Existe, de resto, uma grande influência dos desenhos animados na escolha dos brinquedos e objetos da casa, como por exemplo, uma almofada do *Patrulha Pata* na sala. Durante a manhã do “dia”, a criança e seu irmão mostraram-se com mais energia, brincaram juntos e utilizaram menos a televisão e o táblete, brincando um com o outro na sala ou no quarto, enquanto ao final da tarde e início da noite estavam mais cansados e utilizaram mais estes dispositivos.

A mãe da família Oliveira faz alguma mediação sob a forma de monitorização, recebendo através do seu e-mail um relatório do que os filhos assistem no YouTube. O táblete é para uso, principalmente, dos rapazes, enquanto exerce uma mediação restritiva sobre o *smartphone* e o computador portátil, que são de uso exclusivo da mãe para fins pessoais e profissionais, respetivamente.

O pai da família Costa, sendo consultor de informática, em casa monitora os computadores, tábletes e telefones. Apesar de os pais terem comprado um táblete para as crianças, de modo a preservar o iPad dos pais em segurança, elas não o usam seu próprio táblete, pois prefereriam o iPad, que lhes continua vedado. Assim, o Tomás usa o *smartphone* da mãe, mesmo para ver vídeos no YouTube. A família Costa permite que as crianças usem a tecnologia diariamente, mas o Tomás não pareceu viciado nas tecnologias, brincando com seus brinquedos e com uma grande atração pelos livros. A filha mais velha (14) é uma ótima utilizadora de tecnologia e possui, para seu uso pessoal, *smartphone*, iPad, computador portátil e computador de secretária e chegou a ganhar algum dinheiro com um conjunto de vídeos que publicou em seu canal do YouTube, que foram patrocinados por uma empresa dos Estados Unidos da América.

Já o Matias não faz uso do táblete, por via de uma restrição dos pais, depois de descobrirem por ‘erro’ com a irmã mais velha que o tempo passado com o dispositivo pode ser excessivo. Os momentos de refeição são encarados de forma diferente pelas famílias: a família de Matias usa as “refeições para ter um convívio familiar” (mãe, família Silva), rejeitando a possibilidade de usar tábletes durante a refeição em casa ou na rua. Já a mãe de Vicente utilizou o táblete

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

para que a criança estivesse sossegada e se alimentasse sem problemas durante a refeição a que assistimos, embora nos tivesse explicado que não tem televisão no quarto dos filhos nem na televisão porque acha que a sua geração cresceu demasiado ligada à televisão. Já Tomás usou o tábete com frequência no dia da primeira visita, mas não o fez no dia da segunda visita. Do que observámos, usa a conta de YouTube da mãe e visualiza os primeiros segundos de sucessivos vídeos. Mas como prefere usar o tábete dos pais e como já dois tábetes foram danificados pelas crianças anteriormente, os pais preferem que o Tomás use o telemóvel.

As mediações dos pais derivam das diferentes perceções sobre a tecnologia e os riscos e oportunidades que pode oferecer a uma criança com menos de três anos de idade. Como pudemos apurar através da observação bem como das entrevistas, a família Costa não vê problema no uso da tecnologia pelas crianças, nem pelas crianças mais pequenas (0-3 anos), acreditando que o uso da tecnologia é algo que acontece de forma “natural” e que fará parte da vida dos filhos ao longo da vida. Os pais do Tomás promovem um uso autónomo e progressivo - “à medida que ele foi vendo e conseguindo mexer, nós deixámo-lo mexer” – combinado com alguma restrição através de meios tecnológicos – o pai “pôs todas as funcionalidades para estarem barradas... aqueles conteúdos menos próprios... está tudo barrado”, diz a mãe. Considera que a criança usa sobretudo “quando não tem mais nada para fazer”, o que pode condicionar a sua perspetiva sobre os potenciais benefícios das tecnologias digitais para a idade do seu filho mais novo.

Enquanto a família Costa é uma voraz consumidora das tecnologias, a família Silva não consome tanta tecnologia: apesar das possibilidades económicas, o capital cultural dos progenitores aponta no sentido de privilegiar outras formas de entretenimento das crianças em casa. A mãe de Matias, que se mostrou contra o uso de tecnologia por crianças muito pequenas, afirma mesmo que:

Para ser bem sincera, nesta idade, o único benefício é quando os pais precisam de um tempo, para fazer alguma coisa... Este é o único benefício. Para as crianças não há benefício. Para os pais sim, os pais que usam isso para estarem distraindo as crianças, porque convenhamos, eu acho que... a vida hoje, a gente precisa de ajuda e não tem.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Este uso da tecnologia como *baby-sitter* é, no caso desta família, transferido também para a televisão, que ajuda a distrair as crianças quando estas se cansam de brincar ou fazer puzzles, enquanto a mãe tenta trabalhar em casa. Nesta família, as oportunidades do digital estão a ser barradas por uma mediação restritiva que adia o acesso à internet.

Das três famílias, a família Oliveira foi a que demonstrou ter mais dificuldade em gerir as contas, mas este não demonstrou ser um impeditivo em relação à posse e uso do táblete pelas crianças. Na verdade, o facto de ser mãe solteira marca uma visão dos media e das tecnologias digitais como uma forma de ajudar a entreter as crianças enquanto a mãe desempenha tarefas da gestão doméstica: “não posso estar a brincar com ele e a fazer coisas ao mesmo tempo, e o táblete pode ajudar a ultrapassar isso. Portanto ele pode ver o táblete enquanto estou a fazer o jantar, ou a tratar da roupa”, especialmente nas semanas que o irmão mais velho passa em casa do seu pai. Neste caso, as oportunidades do digital para uma criança com menos de três anos ficam de alguma forma vedadas pelo facto de o cuidador dispor de pouco tempo efetivo para acompanhar o uso de forma a tirar mais partido do digital; é, por vezes, o irmão mais velho que ajuda a colocar vídeos ou vê em conjunto, mas a atividade é sobretudo passiva.

Impõe-se uma reflexão relativamente à metodologia utilizada, nas suas valências e limitações. Por um lado, a observação através de filme foi um dos principais obstáculos no recrutamento de famílias participantes, quer pelo entrave dos pais relativamente à circulação de imagens dos seus filhos pequenos, quer pela duração exigida de acompanhamento do investigador - pelo menos seis horas de “um dia”-, sendo que crianças desta idade ainda dormem normalmente pelo menos uma sesta durante o dia, e que as famílias têm variadas ocupações para o seu tempo livre.

Por outro lado, a entrevista iterativa (realizada numa terceira visita à família) permitiu uma maior reflexividade por parte dos participantes, neste caso dos pais, do que uma simples entrevista como um único contacto ou se esta tivesse sido realizada antes da observação da criança em contexto quotidiano. Embora o tempo entre a visita e a entrevista variassem nos três casos de estudo, as entrevistadas demonstraram não só ter refletido sobre as razões da sua mediação em termos de acesso e uso dos meios por parte das crianças, como também terem dado conta da própria evolução dos seus respetivos filhos nesse espaço de tempo, que, para a fase de desenvolvimento em que se encontram, é significativo.

Em particular, a participação na investigação e o momento da entrevista iterativa fizeram a mãe da família Silva questionar-se sobre a possibilidade de ter uma postura radical em relação ao

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

não uso das tecnologias pelos filhos, o que também foi um ponto relevante deste estudo de caso. Outro ponto importante foi quando a mãe afirmou que nem ela e nem o pai tem jogos no iPhone e descobriu, através da fala da filha mais velha, que o pai, às vezes, dá o *smartphone* para a filha jogar; a mãe mostrou-se surpresa por até então não saber disso.

Conclusões

O projeto "Um Dia na Vida" é o ramo de um programa de pesquisa que se debruça sobre o desenvolvimento de novos métodos de estudo sobre a primeira infância e que envolve investigadores de diferentes lugares do globo. A metodologia revelou-se bem sucedida no seu objetivo de desenvolver, acima de tudo, uma abordagem dialógica e reflexiva.

Este trabalho de acompanhar “um dia na vida” de três crianças com menos de três anos demonstrou ser pertinente, relevante e atual, revelando como, para uma amostra constituída de três indivíduos do mesmo género (masculino), diferentes meios socioeconómicos e níveis de capital cultural influenciam a experiência dessas crianças com os meios digitais, nas mediações que exercem sobre esse uso, quer resultantes do modo de vida e das condicionantes de cada família e sua composição familiar (haver irmãos na família, irmãos de diferentes pai/mãe, pais imigrantes e contato com famílias de origem), quer da percepção que têm sobre as tecnologias e do que estas podem representar para a primeira infância.

Sem prejuízo, o estudo foi marcado por limitações, como a amostra de conveniência identificar famílias apenas da Grande Lisboa, perdendo as experiências de crianças mais novas em zonas rurais e interiores. A flexibilidade do trabalho de campo, indo ao encontro das disponibilidades de cada família, traduziu-se em intervalos diferentes entre as visitas e tempos diferentes por parte dos participantes, que podem ter impacto no retrato dado sobre a relação da família com as tecnologias.

No futuro, o projeto empenhar-se-á na análise dos usos e competências demonstradas pelas crianças no uso dos media digitais, bem como participará na comparação internacional dos resultados d’”Um dia na vida de uma criança com menos de 3 anos”.

Referências

BOYD, danah. Taken Out of Context: American Teen Sociality in Networked Publics. Tese de Doutorado, Doutorado em Information Management and Systems, University of California, Berkeley,

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

2008.

BOYD, danah. **É complicado** – as vidas sociais dos adolescentes em rede. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

BURROUGHS, Benjamin. You Tube Kids: The App Economy and Mobile Parenting. **Social Media + Society**, vol. 3, n. 2, p. 1-8, april-june, 2017. DOI: 10.1177/2056305117707189.

CHAUDRON, Stéphane. Young Children (0-8) and Digital Technology. A qualitative exploratory study across seven countries. Ispra, Joint Research Centre/European Commission, 2015.

_____. Young Children, Parents and Digital Technology in the Home Context Across Europe: the Findings of the Extension of the Young Children (0-8) and Digital Technology Pilot Study to 17 European Countries. *DigiLitEY Project Meeting*, 3., Lordos Hotel, Larnaca, Chipre, 17-18 May, 2016.

DIAS, Patrícia e BRITO, Rita. **Crianças (0 aos 8 anos) e tecnologias digitais** - Um estudo qualitativo exploratório. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, 2016.

EDWARDS, Susan, NOLAN, Andrea, HENDERSON, Michael, MANTILLA, Ana, PLOWMAN, Lydia & SKOUTERIS, Helen. Young children's everyday concepts of the internet: A platform for cyber-safety education in the early years. **British Journal of Educational Technology**, 2016. doi:10.1111/bjet.12529

ENDRIZZI, L. (2012), Jeunesse 2.0: les pratiques relationnelles au coeur des médias sociaux, **Dossier d'actualité Veille et Analyse**, n.71, p. 1-24, fev. 2012.

GILLEN, Julia, CAMERON, Catherine Ann, TAPANYA, Sombat, PINTO, Giuliana, HANCOCK, Roger, YOUNG, Susan e GAMANNOSSI, Beatrice Accorti. 'A day in the life': advancing a methodology for the cultural study of development and learning in early childhood. **Early Child Development and Care**, vol. 177, n. 2, p. 207–218, 2007.

HOLLOWAY, Donell, GREEN, Lelia e LIVINGSTONE, Sonia. Zero to Eight: Young Children and Their Internet Use. LSE, London: EU Kids Online, 2013. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/52630/> (ultimo acesso em: 29 jun. 2016).

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

KOTILAINEN, Sirkku; SUONINEN, Annikka. Cultures of media and information literacies among the young: South-North viewpoints, In CARLSSON, Ulla; CULVER, Sherri Hope. (Eds.). **Media and information literacy and intercultural dialogue**. Gotemburgo: Nordicom, 2013, p.141-162.

LIVINGSTONE, Sonia. **Children and the Internet**. Londres, Polity, 2009.

LIVINGSTONE, Sonia, MASCHERONI, Giovanna, ÓLAFSSON, Kjartan & HADDON, Leslie com as redes EU Kids Online e Net Children Go Mobile. Children's online risks and opportunities: Comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile, 2014. Disponível em <http://eprints.lse.ac.uk/60513/> (último acesso: 03 jun. 2017).

MARSH, Jackie (Ed.). **Popular culture, new media and digital literacy in early childhood**. Londres, Psychology Press, 2005.

MARSH, Jackie. Young Children's Online Practices: Past, Present and Future. Literacy Research Association Conference, Marco Island, USA, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9799081/Young_Childrens_Online_Practices_Past_Present_and_Future (último acesso em: 29 jun. 2016).

MASCHERONI, Giovanna, & HOLLOWAY, Donnel. (Eds.). The Internet of Toys: A report on media and social discourses around young children and IoToys. DigiLitEY, 2017. Disponível em <http://digi-litey.eu/wp-content/uploads/2017/01/IoToys-June-2017-reduced.pdf>. (último acesso: 04 out. 2017).

MASCHERONI, Giovanna, JORGE, Ana & FARRUGIA, Lorleen. Media representations and children's discourses on online risks: Findings from qualitative research in nine European countries. **Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**, vol. 8, n. 2: article2 - article2, 2014.

MASCHERONI, Giovanna & ÓLAFSSON, Kjartan. Net Children Go Mobile: risks and opportunities. Second edition. Milano: Educatt, 2014. Disponível em: <http://netchildrengomobile.eu/reports/> (último acesso: 04 out. 2017).

O'NEILL, Brian & STAKSRUD, Elisabeth. Final recommendations for policy, London: EU Kids Online, LSE, 2014.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação

XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

PALAIOLOGOU, Ioanna. Children under five and digital technologies: implications for early years pedagogy. **European Early Childhood Education Research Journal**, Birmingham (UK), v. 24, n. 1, p. 5-24, 2016.

_____. Digital violence and children under five: The Phantom Menace within digital homes of the 21st century?. **Education Sciences & Society**, n.1, p, 123-136, jul. 2017.

PEREIRA, Luís. **Literacia Digital e Políticas Tecnológicas para a Educação**. Santo Tirso, De Facto, 2013.

PONTE, Cristina, SIMÕES, José Alberto, BATISTA, Susana, CASTRO, Teresa Sofia, e JORGE, Ana. “Crescendo entre ecrãs. Usos dos média por crianças de 3 a 8 anos – Relatório Final”. Lisboa, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2017.

UNIÃO EUROPEIA. REGULAMENTO (UE) 2016/679 DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 27 de abril de 2016. Jornal Oficial da União Europeia, 4 maio 2016.

Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:32016L0680&from=PT> (último acesso: 04 out. 2017).

SEFTON-GREEN, Julian, MARSH, Jackie, ERSTAD, Ola & FLEWITT, Rosie. “Establishing a Research Agenda for the Digital Literacy Practices of Young Children: a White Paper for COST Action IS1410”, 2016. Disponível em <http://digilitey.eu/wp-content/uploads/2015/09/DigiLitEYWP.pdf> (último acesso: 03 jun. 2017).

ZAMAN, Bieke, NOUWEN, Marije, VANATTENHOVEN, Jeroen, DE FERRERRE, Evelien & VAN LOOY, Jan. A Qualitative Inquiry into the Contextualized Parental Mediation Practices of Young Children’s Digital Media Use at Home. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, vol. 60, n. 1, p. 1-22, 2016.